

Aurélio Vítor e o *quinquennium Neronis*

Aurelius Victor and the *quinquennium Neronis*

Moisés Antiqueira¹

mantiqira@yahoo.com.br

Resumo. Em uma passagem de suas *Historiae abbreviatae* (5.1-4), Aurélio Vítor relata a existência de um período de cinco anos durante os quais o governo do imperador Nero, tradicionalmente retratado como um tirano no interior da produção historiográfica romana, teria sido louvável. Embora a questão do “quinquênio de Nero” suscite inúmeras discussões entre os estudiosos modernos, o papel que a ideia do “quinquênio” exerce na narrativa de Aurélio Vítor não tem figurado como objeto de análise. Assim, o presente artigo almeja indicar, por um lado, de que maneira Aurélio Vítor manipula a perspectiva do “quinquênio de Nero” a fim de oferecer uma reflexão acerca do poder imperial em Roma e, por outro, apontar como a noção do “quinquênio” nos permite lançar luz aos pressupostos que norteavam a prática de Aurélio Vítor enquanto historiador.

Palavras-chave: Aurélio Vítor, *Epitome de Caesaribus*, historiografia romana, *quinquennium Neronis*.

Abstract. In a passage of his *Historiae abbreviatae* (5.1-4), Aurelius Victor reports the existence of a five-year period of time in which the reign of Nero – an emperor traditionally described as a tyrant among the historians of ancient Rome – would have been commendable. Although issues concerning “Nero’s quinquennium” have stimulated a great debate among modern-day scholars, the role played by that “quinquennium” in Aurelius Victor’s historical narrative has not yet been fully considered. Therefore, this study aims at investigating, on the one hand, how Aurelius Victor dealt with “Nero’s quinquennium” in order to promote an assessment of the power of the Roman emperors and, on the other hand, it also wants to point out how the idea of a “Neronian quinquennium” enables us to shed light on the elements that guided Aurelius Victor in his task as a historian.

Key words: Aurelius Victor, *Epitome de Caesaribus*, Roman historiography, *quinquennium Neronis*.

¹ Doutorando em História Social, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Corassin. Professor Colaborador (Assistente A) junto ao curso de Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (CCHEL/Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon.

Em suas *Historiae abbreviatae*, o historiador do século IV Aurélio Vítor assim iniciou suas considerações acerca da época em que Nero (54-68) esteve à frente do Império romano:

Deste modo L[úcio] Domício (este era, decerto, o nome de Nero, [derivado] de seu pai Domício) é nomeado imperador. Ainda que ele, muito moço², tivesse reinado vários anos ao lado do padrasto, não obstante, foi o [seu] quinquênio de tal sorte, principalmente para o engrandecimento da cidade, que com razão Trajano declarava amiúde que todos os imperadores em conjunto estavam muito longe do quinquênio de Nero (Neronis quinquennio); quando inclusive [Nero] reduziu o Ponto à condição de província com a permissão de Polêmon, que por esse motivo se chama Ponto Polemoniaco, e do mesmo modo os Alpes Cotianos, morto o rei Cotio. Por isso é suficientemente certo não ser a idade impedimento à virtude; mas esta última é facilmente alterada se o caráter for corrompido pelo excesso de liberdade (eam facile mutari corrupto per licentiam ingenio) e, se negligenciado [o caráter], como se uma lei da adolescência fosse, torna a ocorrer ainda mais perniciosamente. Com efeito, passou com tal ignomínia o restante da vida de modo que é lamentável e vergonhoso recordar que tivesse existido alguém deste tipo, quanto mais um governante dos romanos (Hist. abbrev. 5.1-4)³.

A exposição feita por Aurélio Vítor revela-se, ao mesmo tempo, instigante e intrigante. Instigante, na medida em que possibilita matizar a representação negativa, no que tangia ao Principado neroniano, que se observa, sobremaneira, a partir de autores como Tácito, Suetônio e Dião Cássio, cujas obras foram compostas entre as primeiras décadas do século II e as primeiras do século seguinte⁴. A fim de não nos estendermos em demasia, podemos extrair, dos textos redigidos pelos escritores acima citados, passagens pontuais que ilustram a associação da figura de Nero ao arquétipo do “mau príncipe”; em outras palavras, a construção da imagem do referido imperador como um tirano louco, devasso e cruel.

Tácito afirma que o consulado de Quinto Volúcio e Públio Cipião (no ano de 56) foi marcado pelos excessos que Nero cometera, de modo que as noites em Roma se passavam

como se os cidadãos habitassem em uma cidade capturada por algum inimigo (Tac., *Ann.* 13.25.2). A princípio, o monarca percorria as ruas de Roma, escondendo sua verdadeira identidade ao trajar-se feito um escravo, a fim de frequentar os bordéis e tabernas, fazendo-se acompanhar por um bando de arruaceiros cujos propósitos eram os de promover roubos e atacar os transeuntes com os quais se deparassem. Posteriormente, descobriu-se que o príncipe estava à frente dessa turba; e um desafortunado membro da ordem senatorial, Júlio Montano, foi forçado a se suicidar porque, ao cruzar o caminho do imperador certa noite, repeliu com firmeza as violentas investidas de Nero, pois não o havia reconhecido (Tac., *Ann.* 13.25.1-3). Ou seja, Nero teria praticado seus vícios de maneira clandestina, mas gradativamente tais faltas se tornaram manifestas, à vista de todos, a ponto de nem mesmo os mais nobres cidadãos estarem ao abrigo dos atos de demência cometidos pelo príncipe.

Também Suetônio (*Nero* 28.1-2) reporta diversos elementos que atestam a vida lasciva que Nero teria adotado com o passar dos anos: o príncipe, além de abusar de garotos nascidos livres, violentara também uma vestal de nome Rúbria. Ordenara a castração do jovem Esporo e, ademais, pretendeu transformá-lo em uma mulher. Finalmente, mencionam-se ainda as relações incestuosas mantidas com sua mãe, Agripina, pois se dizia que, quando Nero e sua mãe eram transportados na mesma liteira, as manchas que podiam ser notadas nas vestes do imperador denunciavam o incesto que havia sido cometido em tais ocasiões⁵. A imundície na vestimenta de Nero simbolizava a *impietas* de Nero face aos integrantes de sua família, assim como a violação de uma vestal denotava a *impietas* do príncipe para com a religião romana.

Por fim, o epítome do livro 62 de Dião Cássio traz um retrato de como teriam sido as relações de Nero com os senadores pouco antes que os rumores acerca da conspiração de Calpúrnio Pisão, no ano de 65, chegassem aos ouvidos do imperador. O ódio que Nero alimentava pelo Senado teria sido tão intenso a ponto de o monarca ficar particularmente satisfeito com o fato de Vacínio – que integrava o círculo de pessoas mais próximas da Corte imperial – dizer a ele repetidas vezes: “Eu te odeio, César, por pertencer à ordem senatorial” (Dio Cass., 62.15.1). Os senadores se encontravam amiúde sob vigilância, tendo suas atitudes, seus gestos e seus passos submetidos ao mais estreito escrutínio (Dio Cass., 62.15.2).

² Nero assumiu o trono imperial em outubro de 54, aproximadamente dois meses antes de completar seu décimo sétimo ano de vida

³ No que tange às referências a obras antigas, seguimos o padrão comumente adotado no âmbito da produção historiográfica moderna, que consiste na indicação do título do livro e, quando for o caso, do autor (ambos de forma abreviada), do capítulo e do versículo relativos à passagem mencionada no texto. Trata-se de um formato igualmente empregado nas citações efetuadas aos livros bíblicos, por exemplo. Utilizamos as formas abreviadas recomendadas por *The Oxford Classical Dictionary* (1996).

⁴ Faz-se oportuno lembrar que há certa ambiguidade na avaliação taciteana e suetoniana a respeito de Nero, nas quais se mesclam pontos positivos e negativos (Joly, 2005).

⁵ O eventual incesto cometido por Nero com sua mãe, além de obviamente destacar o perfil depravado do imperador, era visto aos olhos dos romanos como um desvio para lá de inaceitável; Nero, assim, se “bestializa”, pois seu comportamento seria mais afeito aos animais que propriamente aos homens (Roman, 2001).

Por seu turno, a passagem denota-se intrigante, uma vez que as principais fontes literárias acerca do Principado neroniano – justamente os livros 13-16 dos *Anais* taciteanos, a *Vida de Nero* composta por Suetônio e os livros 61-63 da *História romana* de Dião Cássio – silenciam a respeito deste eventual “quinquênio”⁶. Contudo, não podemos asseverar que Aurélio Vítor constituía uma voz dissonante quando comparado aos escritores supracitados. Pelo contrário, reiterou e perpetuou a tradição negativa concernente a Nero e seu governo, que se formou no bojo das guerras civis de 68-69, após a morte do último dos Júlio-Cláudios (Joly, 2005). Para tanto, basta recordarmos que, em *Hist. abbrev.* 5.14, Aurélio Vítor explicita que o reinado de Nero equivaleria a uma tirania, pois que o imperador teria declarado, por ocasião de um banquete, que sob seu poder ninguém haveria de estar livre. Por isso, temos de nos interrogar acerca dos motivos que levaram um autor tardoantigo como Aurélio Vítor – cujo texto, direta ou indiretamente, se baseia nos escritos de Tácito e Suetônio no que tangia aos imperadores do século I – a incluir em sua obra uma referência a um determinado período do reinado de Nero que teria sido tão brilhante a ponto de merecer um comentário altamente laudatório por parte de Trajano (98-117) (*Hist. abbrev.* 5.2).

Para além, embora as principais fontes literárias a respeito da época de Nero não destaquem a existência desse “quinquênio de Nero”, a historicidade de um possível período contínuo de cinco anos, durante o qual o governo de Nero teria sido digno de louvor, vem sendo reiterada por diversos estudiosos modernos. Lepper (1957) e Murray (1965) defendem que tal quinquênio corresponderia aos primeiros cinco anos do Principado neroniano, da ascensão ao trono em 54 até a morte de Agripina, a *Jovem*, orquestrada no ano de 59 por seu próprio filho, ou seja, Nero⁷. Por sua vez, Hind (1971, 1975) postula que o quinquênio ao qual Trajano teria se referido equivaleria ao intervalo entre os *ludi quinquennales*, celebrados entre 60 e 65. E, por último, Thornton (1973) afirmava que a noção do

quinquênio se encaixava nos anos finais do reinado do último dos Júlio-Cláudios⁸, caracterizado pela anexação do Ponto Polemoníaco e pelos Alpes Cotianos em 64 e por um extenso programa de construção de obras públicas que fora interrompido com o falecimento do imperador no ano de 68⁹.

Entretanto, excetuando o próprio Aurélio Vítor, não há autor conhecido na Antiguidade que faça menção ao “quinquênio de Nero”, salvo o anônimo escritor do comumente denominado *Epítome de Caesaribus*. Esta obra corresponde a um breviário de história imperial romana, composto em algum momento do período que se estendia da morte de Teodósio I (379-395) ao falecimento, no ano de 408, de um de seus sucessores, Arcádio, que governou a parte oriental do Império. Desta feita, vale destacarmos sob quais termos o *Epítome* enquadrou o tema do “quinquênio de Nero”:

Domício Nero [...] governou por treze anos. Destes, por um quinquênio [ele] foi visto como tolerável. Donde alguns proferissem que Trajano usualmente dizia que todos os imperadores em conjunto distavam de longe do quinquênio de Nero. Este construiu na cidade um anfiteatro e termas. [Nero] reduziu o Ponto à condição de província com a permissão do rei Polêmon, em razão de quem se chama Ponto Polemoníaco, e do mesmo modo os Alpes Cotianos, morto o rei Cotio. Passou, com efeito, ele com tal ignomínia o restante da vida de modo que é vergonhoso recordar alguém assim posto (Epit. 5.1-5).

Basta uma rápida comparação entre os trechos redigidos por Aurélio Vítor e o desconhecido autor do *Epítome* no que concerne ao “quinquênio” para que se possam notar as inúmeras similaridades que existem entre ambas as passagens. Argumenta-se que as duas obras se fundamentaram, basicamente, em uma fonte atualmente perdida, conhecida nos meandros da moderna crítica historiográfica como *Kaisergeschichte*, ou *História imperial*,

⁶ O texto da *Vida de Nero*, elaborado por Suetônio, foi preservado na íntegra. O mesmo, contudo, não vale para os *Anais* de Tácito e a *História romana* de Dião Cássio. Quanto ao primeiro, o principal manuscrito atualmente disponível cessa sua narrativa no ano de 66; logo, desconhecemos aquilo que Tácito compôs no que concernia aos dois últimos anos do reinado neroniano. Em relação a Dião Cássio, por sua vez, os livros da *História romana* que cobriam a época de Nero infelizmente não sobreviveram até os nossos dias; temos ciência do conteúdo de tais livros somente por intermédio de compêndios de história compostos por autores bizantinos como João Xifilino, na segunda metade do século XI, e Zonaras, no início do século seguinte.

⁷ A força dessa argumentação é tamanha que, ainda hoje, podemos encontrá-la reproduzida por alguns autores sem que haja qualquer espécie de contestação. Tome-se, por exemplo, um artigo recentemente publicado por Esteves (2011). Este último, ao analisar a ocorrência de um cometa no livro 14 dos *Anais* taciteanos, conclui que “sob o pretexto de descrever a passagem de um cometa, o historiador [i.e., Tácito] quis marcar uma linha divisória no principado de Nero, anunciando o fim do chamado *quinquennium* [sic] *Neronis* – os cinco anos iniciais e promissores daquele governo” (Esteves, 2011, p. 27). Vale recordar que a narrativa de Tácito traça um progressivo desvirtuamento de Nero com o passar dos anos, quadro este que, por sua vez, ressoava a concepção, comum às letras gregas e latinas, do tirano-cruel enquanto indivíduo cujo declínio moral ocorre (ou se revela) de maneira gradativa. A associação imediata de um eventual bom quinquênio com o período inicial do governo de Nero, em certo sentido, parece ecoar de forma não intencional os termos do próprio discurso taciteano (sem contar ainda o fato de que a expressão *quinquennium Neronis* não consta nos textos compostos por Tácito que chegaram até os dias atuais).

⁸ Thornton, contudo, viria a rever sua posição e asseverar que Trajano somente poderia ter se impressionado com os primeiros cinco anos do Principado de Nero, quando o porto de Óstia estava sendo construído – única obra de vulto que despertaria a atenção de um governante como Trajano (Thornton, 1989).

⁹ Como vimos, embora suscite controvérsias dentre os historiadores dedicados ao estudo do reinado de Nero, em geral se aceita a perspectiva de que tivesse existido um período em que a administração neroniana mostrou-se admirável. Todavia, resta delimitar quando esse momento teria se efetivado e qual teria sido a duração do mesmo, se um período de cinco anos ou muito menos. Para tanto, ver Vizentin (2005).

tal como sugerida originalmente pelo filólogo Enmann no ano de 1883. Não obstante, os onze primeiros capítulos do *Epítome* – que correspondem aos reinados de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) até Domiciano (81-96) – reproduzem em boa medida a estrutura e o conteúdo da seção equivalente que se encontra exposta nas *Historiae abbreviatae* de Aurélio Vítor. Neste caso, poder-se-ia afirmar que os capítulos 1-11 do *Epítome* alicerçam-se, em linhas gerais, sobre o relato composto por Aurélio Vítor, do que resulta que a utilização da hipotética *História imperial* enmanniana teria se efetuado apenas de maneira indireta em *Epít.* 5.1-5.

Posto assim, se a menção ao “quinquênio de Nero” vislumbrada no *Epítome* se desvela derivativa, como interpretar as informações que Aurélio Vítor apresentou no que tangia ao tema? A princípio, seria natural imputá-las à *História imperial* aventada por Enmann¹⁰. Todavia, um obstáculo se coloca diante dessa conclusão. Flávio Eutrópio, autor de um *Breviário de história romana* escrito por volta de 369-370, apresenta um estilo de composição mais sóbrio e claro, na seção que dedica ao período imperial (*Eutr.* 7.7.1-10.19.1), quando comparado com o texto composto por Aurélio Vítor. Tais características decorriam, entre outros aspectos, de uma maior aproximação do *Breviário* eutropiano em relação à fonte concebida por Enmann (Burgess, 1995). Eutrópio abordou de maneira mais concisa o reinado de Nero (*Eutr.* 7.14.1-4; 7.15.1-3), ao passo que a exposição de Aurélio Vítor se caracteriza por uma série de intervenções moralizantes que compreendem parte considerável do relato acerca do Principado neroniano (*Hist. abbrev.* 5.1-16). Todavia, em passagem alguma Eutrópio aludiu ao “quinquênio de Nero”; este, como apontado acima, foi reportado somente por Aurélio Vítor e o desconhecido autor do *Epítome*.

Ademais, cabe ressaltar que o *Epítome* (5.5) reproduz de modo praticamente literal o ajuizamento observado nas *Historiae abbreviatae* (5.4) a respeito da vida e dos feitos de Nero para além dos limites do suposto “quinquênio”. Não se vislumbra, porém, sentença semelhante no interior do *Breviário* redigido por Eutrópio. Neste sentido, a perspectiva de que os autores do século IV tomaram conhecimento do “quinquênio de Nero” por intermédio da *História imperial* enmanniana perde força. Até onde podemos cabalmente atestar, a expressão *quinquennium Neronis* remonta ao texto de Aurélio Vítor; as fontes consultadas por este último ou mesmo as origens da tradição relativa ao tema, no entanto, escapam a quaisquer possibilidades de definição mais precisa.

Não obstante, há dois pontos presentes na narrativa do *Epítome* que não se encontram nem em Aurélio Vítor, tampouco em Flávio Eutrópio. Em *Epít.* 5.1, se afirma que Nero governou o mundo romano por treze anos. As *Historiae abbreviatae* não estabelecem indicações cronológicas acerca dos eventos relativos à época de Nero (são, em verdade, bastante confusas nesse aspecto), enquanto que o *Breviário* eutropiano (7.15.3) informa corretamente que Nero faleceu ao décimo quarto ano de seu reinado.

Além disso, em *Epít.* 5.3 se atesta que o imperador erigiu na cidade “um anfiteatro e termas”. Aurélio Vítor e Eutrópio, por sua vez, nada dizem acerca destas construções. Mas é escusado ressaltar que o autor do *Epítome* não estabelece uma relação temporal e causal entre a atividade edilícia de Nero e o “quinquênio”; Aurélio Vítor, ao contrário, refere-se ao engrandecer da cidade e à anexação das províncias (o Ponto Polemoniaco e os Alpes Cotianos), assim como tece os comentários moralizantes a respeito da idade de um indivíduo e a corrupção do caráter, condicionando-os à ideia do “quinquênio”.

Neste ensejo, Lepper (1957) propõe duas possíveis explicações para essa dissonância entre as fontes. Por um lado, o responsável pelo *Epítome* teria extraído de Aurélio Vítor a concepção do “quinquênio de Nero” em si, ao que acrescentou por conta própria dois exemplos de construções que remontavam ao Principado neroniano, a partir da leitura do texto de Suetônio (*Nero* 12.1)¹¹. Desta forma, o *Epítome* teria substituído a menção generalizante feita por Aurélio Vítor ao engrandecimento da cidade (*Hist. abbrev.* 5.2) por exemplos concretos que efetivamente ilustrariam o ponto de vista de que Nero empreendeu um programa de embelezamento de Roma. Por outro lado, Lepper sugere que as raízes da noção do “quinquênio de Nero” se encontrariam na fonte compartilhada por Aurélio Vítor e o autor do *Epítome*, exceção feita à intervenção moralizante inserida nas *Historiae abbreviatae* (5.4). Esta seria o resultado de um rearranjo estilístico promovido pelo próprio Aurélio Vítor face ao texto da *História imperial* enmanniana e, por sua vez, teria sido retomada parcialmente no *Epítome* (5.5).

Ora, eis que retornamos ao nosso ponto de partida e nos defrontamos novamente com a *História imperial*. As diferenças entre os relatos de Aurélio Vítor e do ignoto autor do *Epítome* seriam, logo, fruto das distintas opções efetuadas por ambos quanto à seleção e/ou omissão do material encontrado na fonte que teriam comumente consultado. Neste sentido, o *Epítome* seguiria o ordena-

¹⁰ Syme (1971), Hind (1971) e Zecchini (1993) argumentam que a perspectiva do “quinquênio de Nero” remontaria à obra biográfica composta por Máximo no século III.

¹¹ Suetônio relata que Nero ordenou a construção de um anfiteatro de madeira, próximo ao Campo de Marte; no local, um grande número de senadores e cavaleiros teria sido forçado pelo imperador a participar de jogos gladiatórios (*Suet., Nero* 12.1). Além disso, em *Nero* 12.3, Suetônio nos informa que o imperador também erigiu um conjunto de termas e seu ginásio.

mento narrativo tal como disposto na *História imperial* acerca do reinado de Nero e seu “quinquênio”, adicionando detalhes pontuais. Aurélio Vítor, por seu turno, teria alterado a organização do relato oferecido pela *História imperial*, fiando por conta própria uma relação causal entre uma série de elementos (*Hist. abbrev.* 5.1-4) que não necessariamente se integravam à perspectiva do “quinquênio” no interior da alardeada *História imperial*. No entender de Lepper (1957), tal procedimento adotado por Aurélio Vítor teria resultado, no que concerne à cronologia dos fatos, em uma narrativa assaz confusa. Por trás dessas proposições, entretanto, subjaz a concepção de que Aurélio Vítor e o autor do *Epítome* seriam escritores meramente derivativos.

Mas e quanto ao *Breviário* de Eutrópio? Se, tal como aventado, Eutrópio exprimiu com maior fidelidade o material apresentado pela *História imperial*, por quais motivos teria ele ignorado a ideia do “quinquênio de Nero”, a julgar pela hipótese de justamente a *História imperial* ter transmitido a noção por ora debatida? Ademais, como poderíamos explicar o fato de Eutrópio e o desconhecido autor do *Epítome de Caesaribus* exporem durações diferentes no que tangia ao reinado de Nero, se ambos os escritores teriam consultado uma mesma fonte? Em verdade, questionamentos de tal ordem permanecem insolúveis, visto que se pautam por uma aceitação incontestada da existência, como define Dufraigne (1975), de um *auteur fantôme*: ou seja, a *História imperial* proposta por Enmann.

Neste ensejo, a *História imperial* tem sido amplamente considerada, desde que foi proposta ao final dos Oitocentos, como texto basilar para o qual se poderia fazer remontar toda e qualquer imagem ou concepção (re)produzida nos meandros da historiografia de matiz não cristã no século IV¹². Contudo, generalizações desta natureza antes obscurecem do que iluminam o caminho a partir do qual poderíamos esclarecer os preceitos e os métodos que nortearam a escritura das obras versadas em história, tomadas em sua singularidade, no mundo tardoimperial romano. Ainda que avaliemos como plausível, de fato, que a ideia do “quinquênio de Nero” tenha derivado da *História imperial* ou qualquer outra fonte que possa ter sido comumente empregada por Aurélio Vítor e pelo autor *Epítome*, pouco avançaríamos no sentido de esclarecer de que maneira tal temática foi manipulada no interior dos textos que ambos, respectivamente, compuseram.

Posto assim, ao finalizar a passagem relativa ao “quinquênio de Nero” com uma observação de fundo moral, quase que idêntica à oração exposta por Aurélio Vítor, reiteramos a hipótese de que o responsável pelo texto do *Epítome* assentou-se, em primeiro lugar, nas *Historiae abbreviatae*. Melhor dizendo, alterou e reduziu ainda mais o relato sobre o “quinquênio” tal como vislumbrado em *Hist. abbrev.* 5.1-4. Desta feita, o “quinquênio de Nero” emerge na trama narrativa do *Epítome* como uma anedota digna de menção, pois que atribuída à língua de ninguém menos que Trajano, modelo canônico de bom imperador. Entretanto, o autor do *Epítome* estabelece uma relação superficial entre a perspectiva do “quinquênio de Nero” e as realizações do imperador na cidade de Roma e a aquisição de novas áreas provinciais, alimentando vagamente uma contraposição à memória negativa que se produziu, em meio à tradição historiográfica senatorial, acerca do reinado de Nero.

Portanto, o “quinquênio de Nero” configura um fenômeno historiográfico que nos remete, de modo concreto, à obra de Aurélio Vítor¹³. O Principado neroniano permitiu ao autor esboçar um ponto de vista a respeito da natureza do poder imperial e sobre a mocidade dos indivíduos que eventualmente poderiam ascender à púrpura. Sendo assim, cabe delinear por ora de que maneira a perspectiva do “quinquênio de Nero” pode ser compreendida no interior da narrativa elaborada por Aurélio Vítor, que abarca a história do Império romano desde a Batalha de Ácio até o vigésimo terceiro ano do reinado de Constâncio II¹⁴.

Desta feita, retomemos uma das assertivas compostas por Aurélio Vítor na passagem relativa ao quinquênio. O historiador assegura, em primeiro lugar, que a pouca idade não configura um obstáculo para o cultivo das virtudes necessárias ao bom governante (*Hist. abbrev.* 5.3), do que o “quinquênio de Nero” foi apresentado como prova latente. O ponto de vista exposto por Aurélio Vítor destoa das posições assumidas por outros autores de língua latina que advogam que a maturidade se situa como o terreno fértil para que virtudes cardeais – como a moderação, a prudência e a sabedoria – florescessem no âmago daqueles que detinham um cargo público. Escritores como Cícero, em sua obra *Sobre a velhice* (*Sen.* 6.17), e mesmo Tito Lívio (3.11.13), ao relatar o desterro de Cesão Quíncio no contexto da Roma altorrepública, veicularam a perspectiva

¹² À guisa de ilustração, Burgess (2005) enumera uma série de autores (Aurélio Vítor, Eutrópio, Festo, Amiano Marcelino, os ignotos responsáveis pelo *Epítome* e pela *História Augusta*, além de um escritor cristão como São Jerônimo) como tributários, em maior ou menor grau, de diferentes versões da *História imperial* que se sucederiam ao longo de boa parte do século IV.

¹³ Independentemente de uma hipotética origem da ideia do “quinquênio” em si – sem a inserção de Trajano – a partir de algum escritor filoneroniano, como talvez possam ter sido Clúvio Rufo ou Sílio Itálico. Porém, a identificação de escritores favoráveis a Nero resulta quase impossível, pois uma tal tradição dificilmente sobreviveria à aversão que seus últimos anos de governo provocaram na elite senatorial. Para tanto, ver Hind (1971).

¹⁴ Logo, não nos ocupamos da tarefa de identificar a historicidade ou não do “quinquênio de Nero” e da anedota que atribui a expressão a uma frase de Trajano.

de que a maturidade de um varão pode ser acompanhada por uma maior observância das virtudes.

No entanto, ao contrário dos autores do final da República romana, os horizontes políticos de Aurélio Vítor se encerram nos limites do poder pessoal exercido por sucessivos *Augustos* e *Césares*. Em meio ao sistema político imperial, estava aberta a possibilidade de que a administração do mundo romano fosse transmitida a um varão pouco maduro e experiente. Neste ensejo, a personalidade e a juventude do governante configurariam fatores que despertavam a atenção dos escritores romanos. A partir da institucionalização do Principado de Augusto, a pessoa do *princeps* passa a ser vislumbrada como o agente histórico por excelência dentro do mundo romano (Toher, 1990). Essa concepção se reflete, por exemplo, na ênfase que autores como Suetônio, Mário Máximo ou o anônimo escritor da *História Augusta* depositaram sobre aspectos anedóticos ou mesmo detalhes irrelevantes a respeito da vida dos imperadores. O longo intervalo de tempo dentro do qual os três autores supracitados se encaixam (do início do século II até fins do século IV) parece sugerir que os traços mais comezinhos relativos ao monarca e à corte exerceram notável apelo junto ao público leitor e ouvinte durante a época imperial.

Para além, nos meados do século IV, momento em que Aurélio Vítor concebeu e deu forma a seu projeto de escrever uma breve história do Império romano, Edwards e Swain (1997) asseguram que se denota um agudo interesse acerca do lugar que o indivíduo ocuparia no interior da sociedade; tratar-se-ia de uma “tendência biográfica”, observada em diferentes gêneros discursivos. Uma vez que se reconhecia o imperador como verdadeiro eixo em torno do qual girava o poder político romano, é evidente que tal interesse biográfico se fizesse sentir na produção historiográfica latina, pois que os eventos e processos históricos se confundiriam com a vida dos sucessivos imperadores.

Por isso, há de termos em mente o fato de que Aurélio Vítor, ao lidar com a noção do “quinqüênio de Nero”, atenta àquelas proposições. Assim, ao voltar seus olhos para o passado imperial, o historiador do século IV se depararia com um número nada desprezível de jovens detentores da púrpura. No decorrer do texto das *Historiae abbreviatae*, Aurélio Vítor viria a apresentar um número razoável de governantes tão jovens quanto Nero. Tal era o caso, entre outros, de monarcas como Calígula (37-41), Cômodo (180-192), Heliogábalo (218-222), Severo Alexandre (222-235) e Gordiano III (238-244).

Cabe ressaltar, dentre os nomes acima mencionados, um imperador que ocupa lugar de destaque no livro de Aurélio Vítor. Trata-se de Severo Alexandre. Este foi aclamado imperador pelo exército romano em março de 222, quando não havia ainda completado seu décimo quar-

to aniversário. Aurélio Vítor reporta, entre outros, a boa relação que Severo Alexandre manteve com os senadores durante seu reinado, assim como seu grande interesse pela justiça (*Hist. abbrevu.* 24.6); digno de nota, porém, é a maneira como o historiador se refere às campanhas militares do sucessor de Heliogábalo contra os persas:

[Severo Alexandre], ainda que muito jovem e, não obstante, de um talento superior a sua idade, imediatamente, após realizar grandes preparativos, começa a guerra contra Xerxes, rei dos persas. Depois de vencê-lo e pô-lo em fuga, marchou rapidamente para a Gália [...] (*Hist. abbrevu.* 24.2, grifo nosso).

O discurso de Aurélio Vítor salienta que, embora dotado de pouca idade, Severo Alexandre possuiria tamanha habilidade que, por sua vez, teria sido comprovada pelo êxito alcançado no combate contra os sassânidas liderados por Xerxes. Ou seja, os termos sobre os quais a noção do *quinquennium Neronis* fora colocada se fazem sentir na passagem acima: as virtudes não se furtam aos mais jovens. Severo Alexandre teria dado mostras de sua grande capacidade enquanto comandante militar, pois que realizou “grandes preparativos” para enfrentar Xerxes e, antes do mais, saiu-se vitorioso da contenda. É escusado dizer que, malgrado sua juventude, Severo Alexandre foi retratado nas *Historiae abbreviatae* como um bom exemplo de governante romano.

Desta feita, a ligação entre mocidade e poder configura um elemento para o qual Aurélio Vítor teria que atentar ao relatar o período imperial da história romana. Den Boer (1972) assegura que a conclusão moralizante ofertada em *Hist. abbrevu.* 5.3-4 se estrutura à maneira de um *exemplum*, por meio do qual o historiador do século IV transmitia suas observações pessoais, de caráter generalizante, como que assentadas na experiência concreta das gerações passadas. Assim, se por um lado seria “suficientemente certo não ser a idade impedimento à virtude” (*Hist. abbrevu.* 5.3), como indicado pelas realizações encabeçadas por Nero durante o *quinquennium*, por outro a *licentia* que marcaria a rememoração do reinado do jovem imperador simboliza um vício que, em si, ameaçaria a todos os homens, independentemente da idade que possuíssem.

Logo, por meio deste *exemplum*, Aurélio Vítor veiculava a noção de que a falta de maturidade não condiciona por si os crimes que um indivíduo pudesse vir a cometer. Por conseguinte, o comportamento e modo de vida repreensível que caracterizariam “o restante da vida” de Nero não deveriam ser imputados à pouca idade do imperador. Entretanto, Aurélio Vítor arremata com uma ligeira ressalva: uma vez ignorados os escrúpulos da virtude, estariam os jovens mais inclinados a corromper

o seu caráter, “como se uma lei da adolescência fosse” (*Hist. abbrev.* 5.3). Em verdade, Aurélio Vítor sustenta essa última assertiva como que baseado em um axioma moral ou, quiçá, em um “senso comum”. A licenciosidade que definiria as ações de Nero – excetuado o período do “quinquênio”, qualquer que tivesse sido este – confirmaria a aplicação de tal “lei da adolescência” e o elemento de regularidade que aquela pressupõe. De todo modo, o ponto mais relevante a ser sublinhado reside no fato de que Aurélio Vítor dispensou a concepção de que o *ingenium* fosse essencialmente corrupto¹⁵; o relaxamento na observação das virtudes seria o fator a minar o caráter de todo e qualquer homem, estivesse ele na velhice ou na juventude (ainda que se reconhecesse que os mais jovens cometeriam mais faltas, uma vez abandonada a virtude).

Ademais, outro detalhe que confere cores peculiares à perspectiva do *quinquennium Neronis* diz respeito ao caráter anedótico que emana da passagem, uma vez que se afirma que foi o imperador Trajano quem teria destacado, em dada ocasião, o valor inestimável do governo neroniano durante um período de cinco anos. Medalhões de bronze (*contorniatii*) cunhados na segunda metade do século IV – mais precisamente entre 355-360 até 410 – exibiam em seu averso, entre outras, representações de Nero ao lado de Trajano (Bloch, 1989). Temos, pois, um material de outra natureza a evidenciar uma ligação entre ambos os imperadores. Contudo, Zecchini (1993) assegura que tais medalhões foram moldados a partir de círculos pagãos interessados em rememorar o expressivo papel que tanto Nero quanto Trajano desempenharam na promoção de jogos e festivais, sem que tivessem por objetivo rever ou matizar a negativa imagem que se transmitia, há tempos, acerca do último dos Júlio-Cláudios. A notória atividade edilícia estimulada por Nero durante seu reinado pode ter representado o ponto a fomentar o aparecimento de uma tradição que colocava na boca de Trajano o *bon mot* relativo ao “quinquênio”, na medida em que o próprio Trajano empreendeu grandes construções na cidade de Roma¹⁶.

Assim, por paradoxal que pudesse soar – afinal, um modelo de bom príncipe exprimia uma opinião positiva,

ainda que limitada a um período de cinco anos, no que concernia ao “pior” de seus antecessores – a inserção de Trajano talvez figurasse como alusão à possibilidade de que Nero, mantendo-se atrelado às virtudes e aos preceitos da boa governança por toda a vida (e não apenas ao longo de um quinquênio), porventura teria se revelado à altura ou mesmo superado imperadores da estirpe de Trajano¹⁷. Portanto, de acordo com a ótica do historiador, não foi a juventude de Nero que o impediu de ombrear-se a Trajano; foi, no entanto, o apego aos vícios que, ao corromper o caráter de Nero, findou por produzir frutos completamente diversos.

Neste sentido, o “quinquênio” emerge na narrativa como uma espécie de hiato em meio ao governo de Nero, cujas faltas Aurélio Vítor elencaria na sequência do texto: manteve relações incestuosas com a própria mãe, a quem Nero acabaria por assassinar (*Hist. abbrev.* 5.9-12); a intenção de destruir a cidade de Roma, incendiando-a, que teria sido precedida pelo devaneio de construir uma nova capital em outro lugar e, similarmente, o desejo de eliminar a plebe e os senadores, atirando-os às feras que vagueariam por todos os cantos (*Hist. abbrev.* 5.14). As *Historiae abbreviatae*, portanto, não se desviaram do retrato comumente traçado, no interior da historiografia romana, acerca do último dos Júlio-Césares. Na obra de Aurélio Vítor, Nero preenche vários dos elementos pertinentes ao arquétipo do “mau imperador”: tirano atroz, pervertido, negligente perante aos deuses e aos demais cidadãos. Não obstante, isso não impediu que o historiador incluisse a perspectiva do “quinquênio” em sua narrativa, algo que, em última instância, promove uma relativização dessa própria imagem negativa tradicionalmente vinculada ao Principado neroniano.

Desta maneira, concluir-se-ia que, qualquer que tenha sido a origem do “quinquênio de Nero”, tal concepção assumiu feições próprias no interior da narrativa redigida por Aurélio Vítor. Lembremos que personalidades políticas relevantes para a história do reinado de Nero, tal como Sêneca, o Jovem ou Afrânio Burro, prefeito do pretório entre os anos de 50 e 62 d.C., não foram nem mesmo citadas ou aludidas nas páginas das *Historiae abbreviatae*¹⁸. Neste caso, a perspectiva de que Nero teria realizado um bom governo durante certo momento, influenciado pelos

¹⁵ Aurélio Vítor parece retomar esse pressuposto em *Hist. abbrev.* 5.10, ao atestar que os vícios invadem o espírito (*mens*), e este, assim corrompido, desrespeita os laços que unem os homens em sociedade. No caso, *mens* pode ser tomado sinônimo para *ingenium*, como empregado em *Hist. abbrev.* 5.3.

¹⁶ Thornton (1989) crê que o elemento em comum que permitiria unir as figuras de Nero e Trajano seria o interesse de ambos os imperadores em garantir o abastecimento regular da plebe da cidade de Roma, em suma, a *annona*, tal como exemplificado pelo fato de os dois monarcas terem realizado obras na região portuária de Óstia, porta de entrada dos grãos cultivados no Norte da África e no Egito que se destinavam à população da capital do Império.

¹⁷ Similarmente, a remissão a Trajano, modelo de “bom príncipe”, como aquele que profere a anedota, serviria para referendar a posição que Aurélio Vítor advoga no que concerne à relação entre mocidade e poder.

¹⁸ Pode-se aventar a hipótese de que Aurélio Vítor segue os passos de Tácito, no sentido de apresentar a tirania e devassidão de Nero como que evoluindo gradualmente, se levarmos em conta a informação de que o imperador teria passado “o restante da vida” de modo infame (*Hist. abbrev.* 5.4). Neste caso, os anos anteriores a esse “restante da vida” contemplariam o “quinquênio” em questão; desse modo, a enigmática expressão teria de referir-se aos cinco anos iniciais do reinado de Nero, como assevera Den Boer (1972). No entanto, Aurélio Vítor demonstra pouco interesse em atestar com precisão as balizas cronológicas referentes aos episódios que narrava. Assim, não lhe competia definir exatamente a quais anos do governo de Nero o “quinquênio” se encaixaria, mas antes evidenciar aos leitores quais as lições políticas e moralizantes que a noção de um bom período de governo, desenrolado em meio ao execrado Principado neroniano, poderia fornecer.

preceitos políticos e filosóficos do estoicismo, não pode ser identificada a partir da função que a temática do *quinquennium Neronis* assume no âmbito das *Historiae abbreviatae*.

Para além, o *exemplum* político-moral que Aurélio Vítor transmite ao público a partir da ideia do “quinquênio” nos permite discorrer sobre os anseios e concepções que moviam o historiador em sua tarefa de escrever a história do Império romano. Em outras palavras, a referência feita a um período de boa governança no contexto do Principado neroniano lança luz à prática de Aurélio Vítor enquanto historiador. Assim, cabe observar qual seria, no entender do autor, a importância do ato de se escrever a história:

A menos que a isso [i.e., depravações] resistisse a credibilidade da história (fides gestarum rerum), que nem permite privar as pessoas honestas da recompensa de serem recordadas, tampouco conceder aos ímprobos fama ilustre e eterna, em vão se buscaria a virtude, pois que esta verdadeira e única honra aos piores seria atribuída gratuitamente e subtraída de maneira ímpia aos bons (Hist. abbrev. 33.26).

De imediato, enfatizemos o papel da história enquanto testemunha crível do passado: Aurélio Vítor apregoa que, de acordo com a própria essência que possuísem, os bons exemplos seriam devidamente lembrados, ao passo que, aos modelos negativos, jamais se poderia permitir que atingissem uma fama com a qual não condisseram. Desta forma, Aurélio Vítor pretendia que sua obra assumisse aquilo que Hedrick Junior (2000) define por “*commemorative function of history*”, na medida em que jamais seriam olvidados os indivíduos cuja conduta se revelasse ilibada, como se o historiador a eles conferisse um prêmio em razão das virtudes que teriam cultivado. Em razão disso, seria vedado ao historiador extrair de sua narrativa os maus exemplos. Estes não poderiam alcançar a posteridade senão conforme aquilo que haviam sido no passado, pois que ao historiador caberia a obrigação de não “conceder aos ímprobos fama ilustre e eterna”.

Nestes termos, as obras versadas em história se confundiriam com uma guardiã da moral, na medida em que os bons exemplos abarcados pela história garantiriam que o cultivo de uma vida virtuosa, por parte dos homens e mulheres, não teria sido uma tarefa vã. O historiador, tomado como testemunha e juiz dos fatos, concederia à

memória dos *boni* uma posteridade gloriosa; por outro lado, aos péssimos exemplos o historiador não deveria conferir honras às quais jamais fizeram jus em vida. Faz-se oportuno recordar que os discursos moralizantes em Roma estavam profundamente imbricados nas estruturas do poder (Edwards, 1996). Neste sentido, poder-se-ia vislumbrar a construção da memória do passado romano como espaço de poder, e, logo, Aurélio Vítor reivindica à história um papel crucial, qual seja, assegurar aos pósteros que a *virtus* representa uma honraria que, no passado, apenas os *boni* poderiam reclamar para si.

Por sua vez, a *fides* da história residiria no fato de uma narrativa abarcar tanto os bons quanto os maus exemplos e, por conseguinte, o autor findaria por legá-los à posteridade tal como teriam se configurado no passado. Obviamente que a *fides* assinalada por Aurélio Vítor não equivale à busca por uma objetividade absoluta, mas antes, como postula Cizek (1994), à “honestidade” do historiador em sua tarefa de escrever a história, à probidade de seu discurso.

Aurélio Vítor parece transplantar esse ponto de vista para a elaboração de seu texto; tal perspectiva assume a força de um método expositivo. Sendo assim, a narrativa se sustenta sobre uma dicotomia entre atos concebidos como positivos ou negativos, que merecem o louvor ou, quando for o caso, uma reprimenda por parte do autor. Não obstante, os retratos pincelados por Aurélio Vítor no que tange aos governantes romanos não são absolutos, inflexíveis; denota-se o emprego de cores intermediárias, a fim de compor uma imagem mais matizada das personagens centrais do texto. Logo, ao caracterizar o reinado de um imperador, Aurélio Vítor almejava expor tanto as qualidades quanto os vícios que seriam pertinentes àquele¹⁹, ato este que imprimiria ao relato uma marca de confiabilidade – a *fides* da história que se afirma em *Hist. abbrev. 33.26*. Projeta-se, pois, a imagem de um historiador atento aos fatos com os quais lidava, ou antes, a retórica de Aurélio Vítor lançava uma aura de verossimilhança à narrativa que ofertava aos leitores. Eis que, neste ensejo, o *quinquennium Neronis* na obra de Aurélio Vítor ilustra o anseio do historiador em apresentar aos leitores uma narrativa histórica “confiável”, propiciando a possibilidade de refletirmos acerca dos mecanismos empregados por Aurélio Vítor a fim de expor e analisar os eventos, por ele selecionados, relativos à história imperial.

¹⁹ Um dos traços marcantes da narrativa de Aurélio Vítor, como apontado por Den Boer (1972), concerne ao delineamento tanto dos aspectos positivos quanto dos negativos que envolviam um evento ou personagem. À guisa de ilustração, mesmo a Galieno (253-268), de longe o governante mais execrado por Aurélio Vítor, reconhece-se o fato de ter rechaçado com bravura (*strenue*) os germanos que invadiram a Gália por volta da época em que seu pai, Valeriano (253-260), havia sido morto pelos persas no Oriente (*Hist. abbrev. 33.1*). Portanto, Aurélio Vítor procura transmitir aos leitores uma aura de confiabilidade, no que tange ao relato que compusera, que se assenta sobre a exposição tanto das qualidades quanto dos vícios dos imperadores.

Referências

- BLOCH, H. 1989. El renacimiento del paganismo en Occidente a fines del siglo IV. In: A. MOMIGLIANO (ed.), *El conflicto entre el paganismo y el cristianismo en el siglo IV*. Madrid, Alianza, p. 207-232.
- BURGESS, R.W. 1995. On the date of the Kaisergeschichte. *Classical Philology*, **90**(2):111-128. <http://dx.doi.org/10.1086/367453>
- BURGESS, R.W. 2005. A common source for Jerome, Eutropius, Festus, Ammianus and the *Epitome de Caesaribus* between 358 and 378, along with further thoughts on the date and nature of the *Kaisergeschichte*. *Classical Philology*, **100**:166-192. <http://dx.doi.org/10.1086/432844>
- CIZEK, E. 1994. La poésie de l'histoire dans les abrégés du IV^e siècle ap. J.-C. *Revue de Philologie*, **68**(1-2):107-129.
- DEN BOER, W. 1972. *Some minor Roman historians*. Leiden, Brill, 253 p.
- DUFRAIGNE, P. 1975. Introduction. In: AURELIUS VICTOR, *Livre des Césars*. Paris, Les Belles Lettres, p. viii-lxi.
- EDWARDS, C. 1996. *The politics of immorality in ancient Rome*. Cambridge, University Press, 244 p.
- EDWARDS, M.J.; SWAIN, S. 1997. *Portraits: biographical representation in the Greek and Latin literature of the Roman Empire*. Oxford, Oxford University Press, 267 p.
- ESTEVEZ, A.A.M. 2011. O cometa do livro XIV dos *Annales* de Tácito. *Revista Antiquidade Clássica*, **6**(2):21-28. Disponível em: http://www.antiguidadeclassica.com/website/edicoes/sexta_edicao/Artigo2.pdf. Acesso em: 12/02/2011.
- HEDRICK JUNIOR, C. W. 2000. *History and silence: purge and rehabilitation of memory in Late Antiquity*. Austin, University of Texas Press, 366 p.
- HIND, J.G.F. 1971. The middle years of Nero's reign. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, **20**(4):488-505.
- HIND, J.G.F. 1975. Is Nero's *quinquennium* an enigma? *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, **24**(4):629-630.
- JOLY, F.D. 2005. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da *Vida de Nero*. *História*, **24**(2):111-127.
- LEPPER, F.A. 1957. Some reflections on the '*quinquennium Neronis*'. *Journal of Roman Studies*, **47**(1-2):95-103. <http://dx.doi.org/10.2307/298572>
- MURRAY, O. 1965. The '*quinquennium Neronis*' and the Stoics. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, **14**(1):41-61.
- ROMAN, Y. 2001. *Empereurs et sénateurs: une histoire politique de l'empire romain (Ier - IV^e siècle)*. Paris, Arthème Fayard, 543 p.
- SYME, R. 1971. The fame of Trajan. In: R. SYME, *Emperors and biography: studies in the Historia Augusta*. Oxford, Clarendon, p. 89-112.
- THORNTON, M.K. 1973. The enigma of Nero's *quinquennium*. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, **22**(4):570-582.
- THORNTON, M.K. 1989. Nero's *quinquennium*: the Ostian connection. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, **38**(1):117-119.
- TOHER, M. 1990. Augustus and the evolution of Roman historiography. In: K.A. RAAFLAUB; M. TOHER (eds.), *Between Republic and Empire: interpretations of Augustus and his Principate*. Berkeley, University of California Press, p. 139-154.
- VIZENTIN, M. 2005. O *De Clementia* e sua teoria do poder. In: M. VIZENTIN, *Imagens do poder em Sêneca*. Cotia, Ateliê Editorial, p. 33-78.
- ZECCHINI, G. 1993. Nerone e la *propagatio imperii* nel tardoantico. In: G. ZECCHINI, *Ricerche di storiografia latina tardoantica*. Roma, "L'Erma" di Bretschneider, p. 117-125.

Fontes primárias

- AURELIUS VICTOR. 1975. *Livre des Césars*. Paris, Les Belles Lettres, 278 p. (Collection des Universités de France).
- CICERO. 1953. *De senectute, De amicitia, De divinatione*. Cambridge/London, Harvard University Press/Heinemann, 576 p. (Loeb Classical Library).
- DIO CASSIUS. 1995. *Dio's Roman history*. Cambridge/London, Harvard University Press/Heinemann, vol. VIII, 496 p. (Loeb Classical Library).
- EUTROPIO; AURELIO VICTOR. 1999. *Breviário; Libro de los Césares*. Madrid, Gredos, 262 p. (Biblioteca clásica Gredos).
- INCERTI AUCTORIS. 2009. *Booklet about the style of life and manners of the imperatores*. 2^a ed., Buffalo, Canisius College. (Canisius College Translated Texts). Disponível em: <http://www.romanemperors.org/epitome.htm>. Acesso em: 14/02/2011.
- LIVY. 1984. *Livy, with an English translation in fourteen volumes*. II, Books III and IV. Cambridge/London, Harvard University Press/London, Heinemann, 480 p. (Loeb Classical Library).
- SUETONIUS. 1989. *Suetonius*. Cambridge/London, Harvard University Press/Heinemann, vol. II, 576 p. (Loeb Classical Library).
- TACITE. 1953. *Annales*, Livres XIII-XIV. Paris, Les Belles Lettres. (Collection d'Universités de France).

Submetido em: 14/03/2011

Aceito em: 06/09/2011

Moisés Antikeira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras
Rua Pernambuco, 1777, Centro
85960-000, Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil